

simbólico da história propriamente dita. O quinto capítulo é dedicado à lengalenga conclusiva da história, examinando aquilo que o autor designa como “diafania do mundo” —a noção de que “vários seres, compactados na lengalenga, como que estão forçados a interligar-se” (25)—, em virtude da qual a morte do João Ratão e o choro da Carochinha têm repercussões em cadeia na ordem das coisas e estas humildes personagens podem afinal ser lidas como homólogas do casal real. Finalmente, dois capítulos já em jeito conclusivo confirmam as grandes linhas de análise propostas mediante exame do tema da Carochinha em contextos não-portugueses, assim como pela análise de outros temas simbolicamente correlativos do da Carochinha. Um epílogo sumaria o percurso realizado e tece algumas considerações sobre o valor pedagógico da história. Dois excursos finais relativos à utilização da História da Carochinha em Portugal e na América Latina, assim como um apêndice contendo setenta e nove variantes portuguesas da história (várias das quais inéditas), completam esta monografia.

Por si sós, os capítulos 1 e 6 (que respectivamente tratam o tema da Carochinha em Portugal e apresentam traduções de algumas variantes estrangeiras do mesmo), os excursos relativos à utilização da História da Carochinha e o precioso apêndice com as variantes portuguesas bastariam para fazer deste livro uma obra de referência incontornável para quem, doravante, pretenda abordar o tema da Carochinha. Mas importa acrescentar que o livro inclui apresentações fascinantes de diversos materiais da tradição portuguesa que se vão revelando úteis para as discussões apresentadas. E, pelo facto de os argumentos serem sempre delineados de forma acessível e interessante, este ensaio exegético é leitura recomendada a título de introdução geral ao estudo crítico e interpretativo das tradições populares portuguesas.

Giambattista Basile, *The Tale of Tales, or Entertainment for Little Ones*, trad. Nancy L. Canepa, Detroit, Wayne State University Press, 2007, 463 pages. ISBN: 978-0-8143-2866-8 (capa mole)

Francisco Vaz da Silva

Lo Cunto de li Cunti, overo Lo Trattenemiento de' Peccerille (O Conto dos Contos, ou O Entretenimento dos Pequenitos) é a primeira grande colecção europeia de contos maravilhosos, também designados como contos mágicos ou de fadas. Escrita por Giambattista Basile, um literato da corte napolitana, esta obra (também conhecida como *Pentamerone*) foi dada à estampa pela primeira vez, em cinco volumes, entre 1634 e 1636. É um “conto dos contos” na

medida em que contém uma narrativa-quadro no seio da qual se organizam cinco jornadas narrativas protagonizadas por dez contadoras. A narrativa-quadro e a maioria das cinquenta histórias inclusas são contos maravilhosos, o que torna esta compilação de Basile preciosa para quem se interesse por este género narrativo.

O *Conto dos Contos* é interessante a vários títulos. Em primeiro lugar, como já referi, constitui o primeiro afloramento significativo de contos maravilhosos no plano da literatura europeia. É verdade que Gianfrancesco Straparola havia já publicado em 1550–53, no seu *Piacevoli Notti (Noites Faceciosas)*, uma dúzia de contos maravilhosos no meio de narrativas relevando de outros géneros literários. Mas esta aparição de contos maravilhosos numa obra literária carece ainda da importância que é forçoso atribuir ao *Pentamerone* de Basile, que prefigura —pela sua dimensão, assim como pelo tipo das narrativas seleccionadas— a colecção com que os Irmãos Grimm iniciariam em 1812 as compilações modernas de contos. Com efeito, a diferença entre o projecto etnográfico dos mestres alemães e o projecto literário do autor napolitano é menor do que se poderia ser tentado a crer. Sabe-se hoje que os Irmãos Grimm submetem muitos dos textos que recolheram da tradição oral a um tratamento literário; e sabe-se também que os contos que Basile trabalhou literariamente eram tradicionais. Isto é, ambas as colecções contêm sobretudo contos maravilhosos tradicionais, rescritos supostamente para proveito das crianças, embora fossem dirigidos a públicos letrados contemporâneos.

Em segundo lugar, o *Pentamerone* reflecte o enraizamento da cultura napolitana no mundo mediterrâneo. De facto, as suas histórias reflectem amiúde variações típicas do Médio Oriente (por vezes encontradas também nos contos portugueses, mercê da dominação moura de antanho) sobre temas que são, de resto, conhecidos por toda a Europa. Assim, os contos do *Pentamerone* revelam a pertinência de uma tradição propriamente mediterrânea que persistiu ao longo de séculos entre o Levante e a Ibéria e incluem, a este título, vários motivos de origem oriental.

Em terceiro lugar, o autor do *Conto dos Contos* transforma a linguagem geralmente sóbria e directa dos contos orais numa tapeçaria barroca de metáforas, alusões e reflexões várias. Estas são por vezes reminescentes das teias alusivas em que Rabelais entrecruzava os universos das culturas popular e erudita, local e humanista — e, como no caso de Rabelais, a densidade alusiva de Basile é amiúde fecunda. A sua prolixidade retórica, longe de desfear ou de trair os contos, acrescenta-lhes antes um suplemento de verve divertida e níveis adicionais de significação. Note-se que, não obstante o subtítulo da obra, a linguagem inventiva de Basile não se destina a crianças. (Os próprios contos maravilhosos não se destinam ao público miúdo, apesar do equívoco mantido a este respeito por Basile, Perrault e, bem entendido, os Grimm.) E tenho como certo que a criatividade estilística do autor

napolitano torna a leitura dos seus contos mais rica, cativante e significativa para o público dos adultos ao qual se destina.

Porém, apesar de todas estas virtudes, o *Pentamerone* permaneceu até hoje pouco conhecido. O facto de ter sido escrita com verve criativa num dialecto arcaico tolheu certamente a sua recepção, sendo verdade que só em 1846 houve uma tradução alemã e que só em 1902 foi publicada uma tradução inglesa. E mesmo a melhor das traduções inglesas até à data — a de Norman Penzer, publicada em dois volumes em 1932 e há muito esgotada — sofria do facto de se basear na tradução italiana assumidamente livre que Benedetto Croce estabelecera em 1925. Num tal contexto, a presente tradução de Nancy Canepa é preciosa.

Canepa baseia-se directamente no texto napolitano e toma o partido de seguir de perto a verve metafórica de Basile, mantendo sempre que possível o sabor das vigorosas expressões idiomáticas. O resultado é surpreendente: passagens que na tradução de Penzer eram pesadas e sem graça ganham agora nova vida. Era uma empreitada árdua seguir a prosa barroca de Basile nos volumes de Penzer, mas é agora um prazer descobrir a vivacidade expressiva de Basile. Acresce que a presente publicação do *Pentamerone* num único volume torna muito prático e acessível o manuseamento desta obra usualmente publicada em dois ou mais volumes. Em suma, esta edição permite a quem não tenha acesso ao napolitano original ou à mais recente tradução alemã redescobrir Basile — ou, simplesmente, descobri-lo nas melhores condições.

Para terminar, diga-se que o ponto fraco desta edição são as notas de rodapé. A tradutora não é uma folclorista e baseia-se geralmente em argumentos alheios, não revelando uma grande discriminação em relação às questões em análise. Ainda assim, Canepa fornece uma classificação de cada conto segundo a tipologia internacional, uma lista das várias edições do *Pentamerone* até à data, uma bibliografia seleccionada e um índice de matérias. Não sendo esta uma edição académica, o seu advento constitui um marco: deixou de haver desculpas para desconhecer os contos de Basile.